

NÓS NÃO!

Porque o sr. dr. Afonso Costa foi eleito presidente da Sociedade das Nações, logo o Parlamento e a Imprensa se desfizeram em saudações, em elogios e agradecimentos por tão *alta honraria*.

Todos se puseram de cocoras!

Todos se babaram de goso, se contorceram em comicos esgares de prazer cantando patriotismo em todos os tons e apresentando ao Povo, que sabiam enganar, tal facto como altamente honroso para a Nação. Negamo-lo!

Mentiram ao Povo, mentiram á Nação quando tal afirmaram, quando em tal fingiram acreditar! Mentiram para, mais um vez, assoprar o idolo que, de Paris, governa a Nação! Mentiram para enaltecer o ministro que, nas Necessidades, pavoneia a sua vaidade balofa, com fumos de grande diplomata, mas aceitando, submisso, notas amesquinhantes da Inglaterra e as *ordens* do partão Afonso! Si...! Nós protestamos contra a mentira! Nós indignamo-nos contra mais este *vigario* em que, a coberto de um falso patriotismo, diplomatas de borra procuram enganar o Povo.

*
* *

Afirmamos desafiando a que nos desmintam:

A eleição de Afonso Costa para a presidencia da Sociedade das Nações é desprestigiante para Portugal como 3.ª potencia colonial que é! Mas não é só desprestigiante, é prejudicial!

Para a presidencia da Sociedade das Nações é *sempre* escolhido o representante de uma nação de somenos importancia, de uma nação sem peso na politica internacional, de uma nação cujos interesses não estejam em jogo ou dos quais as potencias queiram tratar não cuidando de lhe permitir a defesa.

E' assim que para a presidencia se escolheram já pessoas como a do representante de *Cuba*, em Berlim, ou da *Dinamarca*, em Paris! Espanha nunca presidiu á Sociedade das Nações! E a Espanha è quem mais proveitos e garantias tem conquistado através a acção dos seus diplomatas, mais habeis do que inteligentes.

Mentiram ao Povo! Mentiram para assoprar o Idolo.

Pois daqui gritamos o nosso protesto! Puseram-se todos de cocóras, enguliram todos a pêta. *Nós, não!*

*
* *

O que seria honroso para Portugal, o que nos aproveitaria e o que teriamos conseguido se tivéssemos um ministro que pensasse, estudasse e não se curvasse perante os erros luminosos de Afonso Costa, seria um lugar, o ambicionado lugar no *Conselho Permanente* da *Sociedade*! Lá é que se talha o bolo, lá é que serão discutidos os nossos interesses de nação colonial, alvo de todas as ambições da Alemanha, da Italia e outros!

Se em vez de um *premio de consolação* inutil e amesquinhante, tivéssemos trabalhado; se, em lugar, da poesia *Portugal-Brazil*, tivéssemos procurado captar, com o voto da Espanha, os das nações sul-americanas para os juntarmos aos dos

Para o Senhor D. Manuel de Bragança

REX IN PARTIBUS...

Ao cuidado do Snr. Antonio Maria da Silva

Meu senhor!

Estranhará V. M., por certo, que só agora volvidos mais de quinze anos sobre a sua retirada estratégica da Ericieira eu me dirija ao meu rei, enviando-lhe muito saudar. E' que, meu Senhor, não sabia como dirigir-me a V. M.

Tentei fazer lo ao principio, disseram me porém que V. M. andava de gorra com uma tal Gaby—Deus lhe fale na alma—e que era queda sobre queda, ou sobre queda coice, não parando V. M. em ramo verde atraz dessa loureira. E vai daí, meu Senhor, acanhei-me, não fosse o meu rei tomar a mal as falas do seu vassalo e ter, salvo seja, alguma nega.

Depois, casou V. M. pelo ano de 13, com a Princesa D. Vitoria Augusta, Nossa Senhora, e foi aquella scena que todos nós sabemos, ou melhor que todos nós julgamos saber, e que se teria passado sob os régios lençois, ou que não se teria passado nada, segundo rosnam as más linguas.

A seguir, veio a Guerra e V. M. quasi que ia aderindo ao Afonso Costa, como pouco depois quasi aderiu tambem ao Grande Morto.

Tudo contratempos, meu Senhor, que me impediam de dirigir a V. M. as minhas saudações de leal vassalo e o pedido de uma corôa que desejava fazer-lhe.

Dizem me agora que confio a minha carta ao sr. Antonio Maria da Silva que é dos Correios que ele lha fará chegar ás regias mãos. Ela aí vai, portanto. Não já para pedir a V. M. a coroainha emprestada—eu contentar-me ia com a dos Algarves ou a de Além-Mar, de que V. M. não precisava para a sua grandesa—pois isto de corôas o sr. Alberto Xavier passa-as todas a patacos; mas para lhe pedir uns esclarecimentos sobre a sua mensagem á Causa.

* * *

Devo dizer que nunca supuz V. M. inteiramente—uma besta. Era daqueles que dizia: Coitadinho, ainda ha de ser reabilitado. Pois se tinham sido reabilitados D. João IV, o esclarecido e heroico fundador da grande dinastia que V. M. representa; D. João VI, o sabio e glorioso monarca que venceu Napoleão; a virtuosa avó de

V. M. Senhora D. Carlota Joaquina, que mandava o corneteiro em Quelaz repetir o toque e até o saudoso pai de V. M., o rei artista o homem de sciencia, o politico habil a quem a canalha dos republicanos chamava «bola de cebo», mas que tinha debaixo do cebo todo muito tal ento, porque não havia V. M. de ser reabilitado?

Diziam que V. M. era um anjinho, quasi analfabeto, todo maricotices, musicas ebentinhos, mas eu nunca acreditei.

O saber politico de V. M. revela-o essa notavel mensagem que enviou á Causa, redigida pela sua régia mão, pensada pela sua soberana intelligencia. Pela inguagem, esse documento lembra os sermões da viuva do Padre Antonio Vieira e pela inspiração os conceitos do impedido do grande general Primo de Rivera. Ah, meu Senhor, quebofetada nos republicanos, que o menos que chamavam a V. M. era burro! Que lição para os monarquicos, desavindos, pelo espirito de transigencia e de cobardia, espirito verdadeiramente moderno que revela! Que prodigiosa e lucida visão essa que penetra milhares de léguas de distancia e vem pôr o dedo na chaga do parlamentarismo! Que superior intuição dos destinos da grei, quando V. M. declara que a monarquia deve ser tradicionalista e catolica!

* * *

Agora, meu Senhor, os esclarecimentos que eu desejava dever á bondade de V. M. E desejava-os para elucidar aquele que guio e é ceguiño de nascença. Sou eu quem o encaminha e a estrada para onde eu o puxar segui-la-ha. Se eu lhe disser:—«Vamos para a monarquia, tradicionalista e catolica» o pobre que não vê nada e que aceita de bom grado esta republica oligarquica e reaccionaria irá para onde eu o levar. E' por isso que me chamam o «Cão do Cego» meu senhor. O cego é o Povo, que V. M. conhece de ouvir falar, especialmente desde aquele dia de Outubro de 1910, em que éle agarrou no cajado e deu algumas—poucas—bordoadas de cego.

Eu, verdade seja, sou o jornalismo, que assim me batizaram em menino; mas como ladro muito e lambo às vezes algumas botas e afinal guio o Cego, chamando-me Cão.

O P. R. N. rachado de meio a meio

Não é privativa do nosso país a vivacidade com que se estão encarando os varios problemas sociais. Nem é privativa do país, nem de um partido, nem de uma classe. A politica, como a fé, tem muito do nosso *sub-consciente*, e daí que a inteligencia seja tantas vezes anulada pela paixão. Todo o mundo, como um imenso laboratorio de ideias que é, reforve, agita-se apaixonadamente.

O velho e monumental Direito, filtrado nas tradições milenarias, adquirindo corpo e consistencia nas profundas filosofias escolasticas, sancionado no conceito das civilizações, codificado o desenvolvimento pelos genios, essa grande scioncia tutora dos homens e reguladora das suas acções sociais, rue fragorosamente. Novas correntes de ideias surgem. As massas humanas tomam posições pela afinidade das suas tendencias, tumultuariamente como os liquidos de diferente densidade no fenomeno da ebolição.

Quem arrefece agarrado ao passado, quem se não banha do novo oxigenio social, fica esmagado pelas quentes aspirações que se erguem — asfixia-se.

*
* *

A que proposito vem este exordio, vorá o leitor nas considerações que se seguem. O congresso nacionalista realizou-se permanentemente no meio de uma grande desordem de que resultou ser este partido rachado de meio a meio.

O ficar o P. N. rachado de meio a meio não é coisa que deva magoar nem os seus afins nem os adversarios que, sobretudo, desejem o prestigio da Republica.

Os grandes partidos organizados como clien-

Ora pois aí vão as perguntas para esclarecer o céguinho:

—Porque fez V. M. só agora a sua publica adesão ao miguelismo, intregalismo ou lá o que é, depois da Senhora Condessa de Bardi, tutora do Principe Herdeiro D. Nuno, que Deus guarde, lhe ter mandado uma carta a descompô-lo?

—Que relações, terão com a questão dos tabacos, que é uma corça de gloria do honrado regime que V. M., representa, as declarações agora feitas por V. M.?

—E' chegado o momento de se efectivar a parte secreta do Pacto de Paris?

Se V. M. se dignasse responder a estas simples perguntas, mesmo que fosse por um dos conselheiros da sua lugar-tenencia, eu ficaria sabendo o preciso para falar ao ouvido do cego. Ah! meu Senhor. garanto a V. M. que eram favas contadas. Ele é cego, é verdade, tem nos olhos as cataratas do Silva, das águas do Ródam, além das doenças coloniais, ultramarinas, a cos-

telas a quem a força garanta digestão farta, são inimigos certos da democracia.

Mas rachou-se o P. N. para arrumar ideias, agrupando por elas os homens e seguindo cada qual directrizes diferentes nos amplos caminhos da politica?

Pois não, senhores. O congresso do P. N., onde se quebraram algumas cadeiras e alguns queixos, não discutiu uma ideia, uma reforma de programa, um, ao menos, dos complexos problemas nacionais. O grande Ginasio do Liceu de Camões foi apenas uma capoeira bem povoada onde os galos se comeram as cristas com appetite devorador...

O que ali se fez não foi uma operação de grande cirurgia social. Foi uma ridicula selecção de castas — *lealistas* a um lado, *tamagninistas* a outro. Dividiu-se o rebanho, agora leva do em duas varas nas mãos de pastores satisfeitos da sua suzerania bem nitida.

Mas para isto valeria a pena transformar o Ginasio do Liceu Camões em «ring» de pugilistas o as costas dos circunstantes em tambores de pele rija?

Não valia. Foi um pessimo serviço prestado á Republica, desalentador pela sua formula grosseira, pela carencia de qualquer finalidade nobre, pela pobreza maxima de ideias pela mesquinhez irritante dos propositos.

Acreditamos que este exemplo tipico inspire melhor os futuros congressos republicanos.

A discussão vivaz é propria das assembleias politicas. E propria e até util. Mas a bordoadia elogiada como meio de persuacão para atingir o *Nada*, — que tal e tanto aconteceu no Congresso Nacionalista, não honra os partidos, não serve a Republica e provoca em toda a Nação consciente um sentimento vivo de desdem.

tite e a lealite, que apanhou quando andava a batalhar; mas com um cacete na mão ainda faz dar ás de vila-diogo todos os paivantes e trauliteiros que apareçam. Fala-se-lhe ao ouvido e dá um cheque no Couceiro, o estrateta das derrotas e no heroi dos Dembos, o valente encapotado; volta a falar-se-lhe sobre Monsanto, desarmado, e mete num chinelo a fina flor da cavalaria monarchico-sidonica; diz-se-lhe mais uma palavrinha e escorraça para Espanha o Prelada, o Solari e o Padre Domingos, da pícaro restauração do Norte.

E se eu lhe falar, cá dum certa maneira, é capaz de ir por aí de abalada até Inglaterra, pregar uma data de açoites em V. M., pois, meu senhor, já vai tendo idade de ter juizo.

Responda-me V. M. e conte com os meus leais serviços. Aos riais pés de V. M., que Deus guarde, por muitos e dilatados anos longe de nós, como todos os seus vassallos, hemos mister.

UMA GRANDE DESORDEM NO MATADOURO

O congresso do partido da «Ordem» decorreu tumultuoso—Bengaladas, acusações, lagrimas e obscenidades—Um viva ao «grande morto»—O homem a quem não deixam vender o seu peixe—Cá estão bilhetes mais baratos!—Os maluquinhos do Calhariz—Porque não interveiu a policia?

Tão inverosímil e extraordinario poderá parecer o que vai lêr-se — e é de facto — que o reporter, receando ser tomado como *blagueur* ou, porventura, menos verdadeiro, dá antecipadamente a sua palavra de honra de que os factos se passaram tal qual vão ficar narrados.

Nem o exagêro, nem qualquer *parti pris*, nem a precipitação das reportagens feitas á pressa, podem sér chamados á téla da discussão, pois nenhum desses factores entrou na confecção do que ahí fica.

Trata-se do relato verdadeiro e calmo do que foi ouvido e presenciado em varias sessões do congresso nacionalista, a que melhor chamaríamos: desordem.

Logo na primeira sessão, após ter levantado o incidente da nomeação do sr. Cunha Leal para o cargo de vice governador do Banco Ultramarino, o congressista sr. Adelino Mendes afirmou os seus propositos de guerra intransigente ao partido democratico. Ardou Troia.

O congressista sr. *Rocha Corticeiro* :

— V. Ex.^a, dá-me licença...

Vozes:

— Ordem! Ordem!

O congressista sr. tenente Marquos:

— Isso não é assunto da ordem.

O sr. Adelino Mendes:

— V. Ex.^a, não sabe o que diz! Então o partido nacionalista é dogmatico?

O congressista sr. *Marujinho da Bica*:

— Apoiado, apoiado!

O sr. presidente:

— Tem a palavra para explicações o sr. dr. Ginestal Machado, em nome do directorio.

O congressista sr. *Britinho*:

— Viva o dr. Ginestal Machado!

O sr. *Rocha Corticeiro*:

— Peço a palavra!

O sr. Ginestal Machado afirma que o homem mais competente para desempenhar o cargo do Banco Ultramarino é o sr. Cunha Leal. Este, sentado na primeira fila, chora convulsivamente encobrendo o rosto com o lenço.

Como lhe fosse dada a palavra, Cunha Leal declara ir-se embora, dando os parabens a Pedro Pita e Tamagnini Barbosa. Nessa altura ar-

ma-se um enorme tumulto, chorando, por seu turno, o sr. Pedro Pita que tom um ataque de nervos.

O sr. Cunha Leal sai, acompanhado pelos amigos.

Alguns congressistas ficam e aplaudem o sr. Tamagnini Barbosa que vai falar. Logo que pronuncia as primeiras palavras, repete-se o tumulto.

O congressista sr. *Carqueija*:

— Ordem! Ordem!

O sr. Tamagnini:

— Cunha Leal afastou-se daqui! Sobre ele nem uma só palavra!

O congressista sr. *Clarim do Teofilo*:

— Apoiado!

Os srs. Julio Dantas e Cameira, encostados á mesa da presidencia, estão de costas um para o outro, como se não ligassem a minima importancia. Tamagnini fala sempre.

O congressista sr. *Amadeu*:

— Muito bem!

Os congressistas sr. *Carlos Varino* e *Alfarra* tambem se manifestam.

O sr. Pedro Pita uza agora da palavra:

— Nomearam o sr. Cunha Leal! Quantas vezes se esqueceram de mim...

E a fechar:

— Não tenho pergaminhos de nobreza, mas sou honrado por tradição...

Algazarra, tumulto, insultos, etc., e são encerrados os trabalhos.

2.^a sessão e 1.^a noturna.

Fala o sr. Botelho Moniz. Ha vivas ao 18 de Abril. Quando o orador afirma ter sido ajudante de campo de Sidonio, um congressista exclama:

— Viva o dr. Sidonio Pais!...

Referindo-se a um telegrama que diz ter enviado ao sr. Francisco Cruz, o sr. Botelho Moniz declara que os fios da *pêra* do sr. Antonio Maria da Silva enlearam os fios telegraficos e não consentiram que o referido telegrama chegásse ao seu destino. E, a um áparte, o orador exclama:

A CHOLDRA

— Isto é muito importante, *gaita!* O sr. Cunha Leal é um homem que sabe atirar-se para a *cabeça do touro*...

Seguidamente propõe que se mude o *rotulo* (sic) ao partido para o sr. Leal poder regressar.

A uma interrupção, sem respeito pelo congresso, por si e pelas senhoras que estão na galaria, deixa escapar uma palavra indecorosa (vidé pau no *patois* tripeiro) e continua:

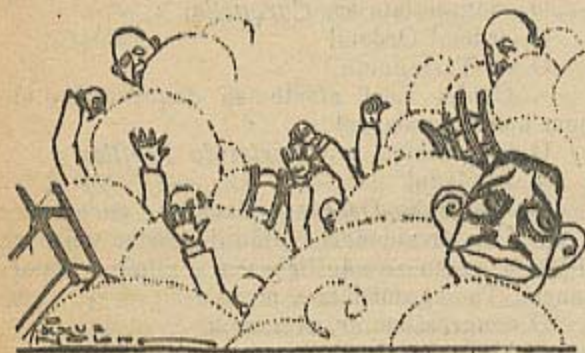
— Eu quero *vender o meu peixe!*

Às 0,30 minutos está a falar o sr. Tamagnini. Subitamente, falta a corrente electrica e não sabemos se a corrente do relógio a algum dos assistentes...

Domingo 7. Vamos assistir á 3ª sessão do congresso.

Cá fóra, no meio de grande ajuntamento, discutem acaloradamente os congressistas sr. tenente Marques e *Carqueija*

O sr. tenente Marques é ásperamente incre-



Porque é que certos congressos se não realisão no Campo Pequeno ou a explosão da obra de mina do sr. Antonio Maria.

pado pelos circunstantes por estar a vender bilhetes de admisãõ ao preço de 5\$00

O sr. *Carqueija*:

— Tu és um *trafulha!*...

Recrudesce o *borborinho*.

O sr. *Rocha Corticeiro*:

— Ha al' *gajos* mais rancorosos que os da *formiga branca!*

Aberta a sessão, e após terem usado da palavra outros oradores, o sr. Pedro Pita declara reconhecer as qualidades do sr. Cunha Leal, acrescentando que tambem lhe conhece os *de feitos*.

O sr. *Rocha Corticeiro*:

— Não apoiado! Não apoiado!

Um congressista amulhado, que nos dizem ser o batoteiro sr. *Carlos Estareco*, grita e gesticula.

O sr. Teofilo Duarte, declarando que se vai embora, tom, seguidamente, esta frase:

— Toda a gente diz por al' que nós somos os *maluquinhos do Cathariz!*

O sr. *Clarim do Teofilo*: Sr. presidente, não deixe o orader continuar assim!

Prosseguindo, o sr. Teofilo Duarte declara:

— Havia correlegionarios que andavam pelos cafés a dizer que o sr. Cunha Leal *era um ladrão!*

Falam os srs. Maldonado de Freitas e Gines-tal Machado. O sr. Botelho Moniz requere a generalização do debate. Rejeitado, ficando Botelho Moniz a tentar fazer declarações. Tumulto enorme.

O sr. Teofilo Duarte a Botelho Moniz:

— Não fales que eu vou contra ti!

O sr. *Botelho Moniz*:

— Em nome dos amigos do sr. Cunha Leal... Novo tumulto.

O sr. *Carqueija*:

— O' sr. Botelho, continue...

Botelho Moniz:

— Homem, não me *chateie!*

O sr. Tamagnini Barbosa:

— Deixem falar o sr. Botelho Moniz!

Um congressista:

— Deixem falar que manda o *patrão!*

O tumulto atinge nesta altura o seu auge. Os congressistas srs. *Carqueija, Mané-Mané, Rocha Corticeiro, Marujinho da Bica, Britinho, Clarim do Teofilo, Amadeu, Carlos Varino, Alfama, Carlos Estareco, Canastra*, e muitos outros, cujos nomes não nos ocorrem de momento, armam grupos em que se trocam *sôcos*, pontapés e bofetadas. Alguns pucham de pistolas.

Seguidamente...

Mas não vale a pena prosseguir, que isto enjoa.

Eis no que deu o congresso do partido que a si proprio se apelidava de partido da *ordem*.

A «CHOLDRA» e a imprensa

Varios jornais tem tido para com *A Choldra* gentilezas que não são para esquecer. A todos agradecemos sensibilizados, devendo ser-nos permitido especializar o antigo jornal *A Capital*, que actualmente, sob a competente direcção tecnica do mestre do jornalimo e velho republicano sr. Manuel Guimarães, está defendendo a politica da Esquerda Democratica.

Nóbrega Quintal

Advogado

Processos em todos os tribunaes — Recursos para o Conselho Colonial

RUA DOS BACALHOEIROS, 139, 2.º, D.

TELEFONE C. 2547

LISBOA

Emquanto o povo morre de fome

gastam-se 33.573:086\$02 com a policia
e 85.179.434\$02 com a guarda republicana!

Em 21 de Novembro de 1906, no parlamento da monarchia, João de Meneses erguia a sua figura insinuante e a sua voz eloquente de tribuno republicano para revelar ao país barbaridades tremendas:

O orador:—Os ovos e a carne são hoje manjares de luxo que os pobres conhecem apenas de nome.

E é quando se pagam destas verbas monstruosas que se dispendem outras verbas ainda mais monstruosas em obras de luxo nos palacios reais, como vai mostrar pelos documentos que lhe foram enviados.

(Em toda a camara e nas galerias faz-se um movimento de intensa curiosidade. O silencio era profundo e completo).

Veja-se esta verba, diz o orador: **Preparação da sala de jantar no palacio da Ajuda, 83 contos de reis** (Exclamação de espanto nas galerias).

E tanta gente com fome!

Construção de um terceiro andar no guarda roupa de S. M. a rainha D. Maria Pia, 14.972\$000 reis;

Acrecentamento do mesmo guarda roupa, 25.983\$000 reis;

Modificação no mesmo guarda roupa, 10.100\$000 reis.

E tantas pobres mães sem terem com que agasalhar os seus filhos esfarrapados!

A ranjos nos compartimentos contiguos aos aposentos de s. m. el-rei, 42.464\$000 reis.

E tantos pobres sem abrigo!

Construção da sala de jantar de gala no paço das Necessidades, reis 138.400\$000!

A iluminação electrica dos paços da Ajuda, Necessidades e Belem, custou a miseria de 353.052\$333 reis!

Quantos dramas, ontem nesta cidade de Lisboa, quantas afflicções daqueles que procuravam dinheiro para pagar a triste renda da sua miseravel casa.

E não teem fim estas despesas, sobe a muitos centos de contos.

Hoje, nesta Republica que nós queriamos ver dignificada, tão pura que quasi tocasse a realização do Ideal, quasi que semelhantes palavras poderiam ser pronunciadas. Enquanto o povo morre de fome gastam-se 118.752:520\$04 com a policia e a guarda!

Gastam-se 140.000\$00 (cento e quarenta mil escudos!) com a banda da policia! Cento e quarenta mil escudos com musicata para gozo do sr. Ferreira do Amaral, enquanto—ouçam bem!—enquanto os pobres guardas quasi não teem de comer em casa e, morrendo ás dezenas vitimados pela tuberculose, não possuem um sanatorio!

E a compra de automoveis de luxo em todos os ministerios? E a gazolina: E o resto?!

E não teem fim estas despesas; sobem a muitos milhares de contos!

Protestar contra elas já não basta. Palavras temo-las de sobejo. Vamos a *factos*, preparemos os *factos*!

Genealogia por via étnica. . .

Onde se faz o exame anatomico-fisiologico do mostrongo. — Estuda-se o feltio do queixo e a atracção pelo bem alheio. — Espantosas conclusões

Antes de mais nada, meus senhores, precisamos de saber bem quem é o bicho e donde vem, de lhe examinarmos o passaporte antropológico para depois podermos fazer um juizo critico apoiado em sólidas bases scientificas. Enfronhem-nos, pois, na sciencia dos Broca e Quatrefages e que Santo Amaro, advogado dos cães danados nos proteja as canelas da dentuça dos mastins que o cercam. Ora bem. O talhe dos olhos obliquados em forma de amendoa, semelhando os chinezes se não fóra serem um tanto piscos, a linha complexa do nariz que exige detalhado estudo, o retraimento do queixo que a pêra de chibato tenta ocultar, a covardia proverbial, tudo isso indica ascendência de judio de baixa extracção embrulhada no mais saburroso sangue trans-

tagano. Por outro lado — e aqui se vê qual a importancia da Etnografia na Antropologia — a crueldade fria e o gosto pela rapinância indicam-nos extracto de moirama talvez de tuareg. O tamanho desproporcionado dos braços e as inclinações pelo reles e pelo pueril são seguros indicios de que tem parente em qualquer das raças mais inferiores, em nosso entender da hotentote. Finalmente, a mania de falar, falazar, palrar como um papagaio, de tudo, sem nexo, saltando de assunto para assunto, bem como a sua piedade para com os animais — vidé gente que o rodeia — mostram sem possibilidade de erro o Ildimo descendente dum sudra que os acasos da conquista e navegação hajam vomitado na praia luzitana. E eis aqui, como num simples exame dum quarto de hora nós podemos inferir com dados seguros que o homem é vilão e marrano de quatro costados, judeu, hotentote, mouro e canarim. A maravilhosa sciencia do seculo XX, ó manes de Broca!

As pretensões dos ditadores

O que eles entendem por ordem e sua concepção de Justiça. A ditadura aumentaria a desmoralização colectiva. — Como moralizar a nossa vida politica—Opinião publica e regime de responsabilidade. — Como falava o liberal Trindade Coelho e como fala o Trindade Coelho, Cruzado

Basta de politica! Os partidos e o parlamento tem sido o mal do país. Do que precisamos é de administração, ordem, justiça e sobretudo moralidade.

E' esta a linguagem dos aspirantes a ditadores, que se acoitam nesse antro ultra-reaccionario que tem por titulo *Cruzada Nun' Alvares*.

Já desmascaramos a apolitica dêsses tartufos, alguns deles *filiados* no Partido Republicano (!) Nacionalista. Combatem hoje a politica e os partidos para amanhã constituírem-se em partido *único* e fazerem a pior das politicas—a da ditadura. Já desvendámos o objectivo do seu anti parlamentarismo. Querem suprimir amanhã essa instituição democratica para que não tenham a quem dar contas dos seus abusos, caprichos e latrocinios.

Vejamos agora em que consiste para o *filomenismo* (edição correcta e aumentada do *sidonismo*) a ordem, a justiça e a moralidade.

O sistema em que a autoridade soberana é exercida por um *partido único*, sem parlamento e sem opposição politica—os *filomenistas* são anti-parlamentaristas e combatem os partidos politicos—chama-se *autocracia* ou *despotismo*. Tal sistema é sempre parcial ou tendencioso.

Na Russia, onde essa autocracia é exercida pelo partido comunista, apresenta-se contra a burguesia falando em nome da classe operaria. Entre nós, sendo o bando preconizador de tal sistema composto por militares e civis, monarchicos e sidonistas, essa autocracia será francamente a favor da plutocracia e contra o povo, falando sempre em nome dos interesses superiores da Patria.

O que é a *Ordem* em um tal sistema?

E' a subordinação da nação ás decisões dos ditadores, a aceitação sem discussão nem protesto das ideias, das crenças, do pensamento dos despotas, o respeito cego e subserviente ás hierarquias, a submissão do povo à voracidade dos detentores do capital. A ordem é a escravidão aceite sem o direito de tigrir nem mugir. Porque discordar das ideias dos ditadores, criticar as suas medidas, censurar os seus caprichos e os seus abusos, indignar-se contra a ganancia do comércio, rebelar-se contra a exploração do industrialismo, protestar contra os roubos das autoridades ou dos governantes aos cofres publicos, isto é alterar a Ordem! Tal é a concepção da ordem desses pretensos *homens de ordem* de amanhã, desordeiros de hoje, como se verifica no que se passou no Congresso nacionalista dos filomenos e dos tamagninis e na ultima reunião dos jovens monarchicos conservadores.

E qual é a sua concepção de *justiça*?

Quere pela natureza dos elementos que se propõem exercer essa ditadura—militares—, quer pela influencia plutocratica que os maneja, a *justiça* será uma justiça zarolha que só reconhecerá os grandes e poderosos. E assentando no principio da obediencia hierarquica, pro-

nunciar-se-á inflexivel e inexoravelmente a favor do rico contra o pobre, do forte contra o fraco, do explorador contra o explorado. E assim, nos conflitos entre o patrão e o operario a razão estará sempre ao lado do primeiro; nos conflitos entre o marido e a mulher, o pai e o filho, o professor e o aluno, a razão estará sempre ao lado do professor, do pai e do marido. Assim o exige a Ordem. Tal é a concepção de *justiça* num regime despotico e plutocratico.

Mas os nossos ditadores propõem-se moralizar a administração publica. Louvavel intenção essa que nos levaria a apoiá-los se não os julgássemos sem capacidade e sem autoridade moral para tal pretensão. De facto, ao constatar-mos a nossa desmoralizada administração publica, uma série de perguntas nos occorre formular: quem tem desmoralizado os politicos? Quem corrompe o nosso funcionalismo? Quem dá exemplos de imoralidade?

O povo, contra quem a ditadura se exercerá? Não. Quem corrompe os ministros e os deputados, os fiscaes dos governos e os chefes de repartição, quem ludibria o Estado e o lesa fugindo ao pagamento dos impostos, contribuições e multas, são as chamadas «forças-vivas», em cuja defesa e proveito a ditadura será exercida. E quem são os funcionarios e os politicos corruptos? Apenas os civis?

São os militares imunes à corrupção do dinheiro de quem o possui? Será então precisa uma ditadura militar para moralizar os costumes administrativos? E' essa classe moralmente superior ás outras? O país não constatou ainda essa superioridade. Tem o país visto, sim, em quasi todos os escandalos politicos, envolvidos individuos pertencentes á classe militar. Nos crimes e episodios imorais que a imprensa diariamente regista figuram indistintamente militares e civis. Ha militares industriais, commerciantes, capitalistas e não se tem notado neles mais isenção em beneficio da colectividade; ha militares que exercem cumulativamente outras profissões liberaes e no exercicio das suas funções não se tem destacado dos civis no cumprimento dos seus deveres. Ainda hoje se julgam militares envolvidos em roubos praticados no C. E. P., E para concluir: em todas as legislaturas, desde 5 de Outubro de 1910, até hoje o parlamento tem estado pejado de militares e o país não viu que estes tivessem tomado uma attitude marcante perante o descalabro da administração publica.

Não. A honestidade, a honradez não residem apenas na classe militar, como a impudencia e a concupiscencia não se encontram apenas na classe civil. A moralidade não é exclusivo de nenhuma classe. O pretexto de moralização da administração publica não colhe para justificação de uma ditadura, ou sequer de um governo de classe,

De mais, a propria essencia do regime ditatorial não é garantia de moralidade, antes muito pelo contrario. Dada a tendencia para se abusar de um poder de que discrecionariamente se pode usar, a classe ou o partido que exerce a ditadura em breve se tornará caprichosa, sedenta de prazeres e de comodidades e dará o exemplo da mais crapulosa licencia.

Temos dessa consequencia fatal a prova na desmoralização a que assistimos.

Essa desmoralização não teria atingido o grau que atingiu se não fosse o regime de ditadura de um partido em que temos vivido. Imagine-se o que seria se essa ditadura, que o é de facto, o fosse tambem de direito!

Não. Não é com ditaduras de classe ou de partido que se imporá na nossa vida publica a moralidade, mas sim exercendo o poder dentro das verdadeiras formulas da pura democracia. E é isso que urge fazer-se. Como? Criando entre nós opinião publica e o regime de responsabilidade governamental. Num país em que a opinião publica se conserva sempre álferta, vigilante, activa e vibrante de sensibilidade, os politicos de probidade duvidosa ou são contidos pela critica ou são coagidos a relegarem-se ao ostracismo, enquanto que os politicos honrados e patriotas se sentem fortalecidos pela quente atmosfera da aprovação popular. Um regime de opinião, sinceramente respeitado, é a melhor salvaguarda da moralidade publica.

O regime de opinião deve ser acompanhado do regime de responsabilidade. Quando o ministro ou o politico influente souberem que as leis que pezam sobre os governados pezam tambem sobre os governantes, a honradez entrará na nossa actividade politica.

A democracia é ainda hoje, embora isto pese aos cruzados de Nun'Alvares, o regime mais favoravel para a moralidade colectiva, para a ordem de uma nação e para a felicidade do povo.

Que importa que contrariamente pense o cruzado director do *Seculo*? Se as idéias são valorizadas pelo grau de caracter e de cultura dos homens que as defendem, ás opiniões do filho, que condescende com os interesses dos argentarios para viver com superfluo bem-estar, opomos as opiniões do pai, que se matou com nobreza para não transgír com os seus principios e com a sua honra.

E' de Trindade Coelho, pai, e encontram-se no seu *Manual Politico do Cidadão Português*, a seguinte condenação formal de todo o regime autocratico ou despótico:

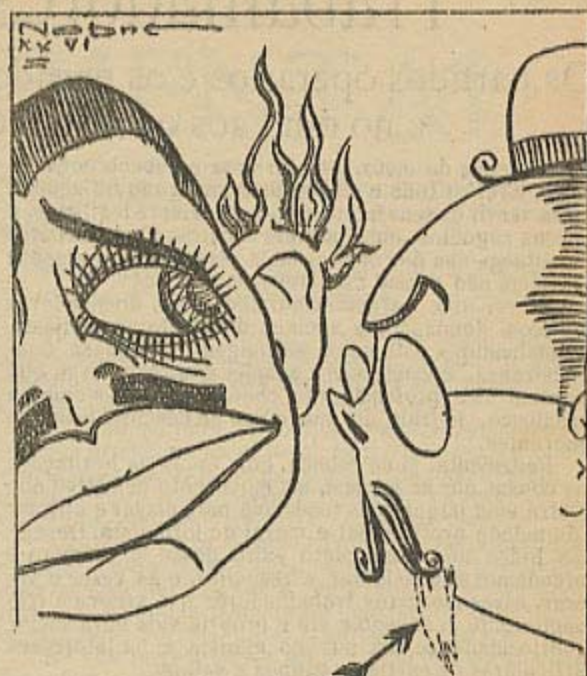
Do que temos dito se conclue que a melhor forma de governo é: 1.º a que eficazmente garantír, no exterior, a soberania nacional; 2.º a que melhor corresponder ás aspirações gerais da nação; 3.º a que assegurar aos cidadãos e a quaisquer grupos o respeito do direito, isto é, da justiça nas relações dos homens uns com os outros.

Debaixo de todos estes pontos de vista, a forma de governo que nos parece melhor, para um povo instruído e patriota, é a republica democratica e federativa. Nesse regime, o povo é o soberano tanto de facto como de direito. Nada pode fazer-se contra sua vontade, pois tem sempre o poder de anular as medidas que lhe não conveem. Não carece de recorrer á violencia, uma vez que o exercicio da sua soberania é regulado pela lei fundamental do Estado, pela constituição. Desde que a maioria do povo se pronouciou, a minoria tem de submeter-se, como é justo. Graças a forma federativa, os interesses particulares de cada individuo são, quanto possivel, tomados a peito. Não ha, pois, a prevenir graves atritos, desses que sempre occorrem quando os habitantes de uma região são obrigados a sacrificar á autoridade soberana, sem haver para isso necessidade urgente, os seus interesses e os seus costumes.

Sob a forma democratica e federativa, os direitos do indivi-

(X) Vidé artigos *Uma campanha suspelta* contra os politicos e o parlamentarismo nos n.ºs 2 e 4 de *A Choldra*.

A pèra do sr. Antonio Maria



Local onde existia a Pera:

O Cunha Leal:

— O' Antonio, o que fizeste á pèra que te ia tão bem?

— Como te vi as orelhas a arder, filho, fui pôr a pèra no môlho!

Outra coisa

Um vespertino do Porto costuma, de quando em vez, beliscar-nos. Das vezes que, por dever de officio, temos lido o papel, concluímos sem dificuldade que o autor é um cavalheiro conhecido pelo *Zebra*, pelo *Cospelete*, pelo *Jacaré descascado*, etc.

Apenas temos a dizer ao cavalheiro que *A Choldra* não é órgão da Legião Vermelha, nem de qualquer outra legião. Todavia, se tivesse de ser órgão de qualquer delas, seria mais depressa órgão da Legião Vermelha, de que duma legião de malandros e escrocs que por o país pululam a fazerem de homens honrados.

Procure outros pretextos para atingir a pessoa que deseja atingir. Procure coisa de eleito, essa de bolchevista já fez a sua epoca.

Procure coisas de monta, para a montanha em vez dum rato parir um boi.

duo e da minoria obteem assim, geralmente, a mais eficaz garantia, — o que faz com que seja sempre essa forma, em relação ao povo que a adoptar, evidente sinal de um estado politico adiantado. Exige, é facto, uma educação social muito desenvolvida e um grande habito de liberdade; mas assegura melhor do que outra qualquer a felicidade dos cidadãos. Povo algum do mundo possui um sentimento nacional tão vivo como o povo suíço, que professa desde seculos esta forma de governo, e que notavelmente a tem aperfeiçoado na epoca contemporanea.

Em resumo, todo o bom governo deve assentar sobre os três grandes principios: da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

Trabalhadores de imprensa

Os partidos operarios e os partidos burguêses igualam-se no desprezo e no odio aos que exercem a profissão de jornalista

E' pecha de maus, aventureiros e imbecis considerarem inferior toda a classe que, com a sua influencia, possa servir os seus interesses, nem sempre legitimos, e os seus negocios, quasi sempre escuros. Os jornalistas constituem uma das classes mais perseguidas e vexadas por quem não possui caracter nem educação.

Parece que os dominadores de hoje, dominadores politicos, dominadores sociais, dominadores sindicais, e dominadores estupidos, se julgam a realeza contemporanea, considerando aqueles que trabalham, que exercem uma profissão tão chela de agruras como o jornalismo, jograis da sua cõrte de nescios, brutos e ignorantes.

Felizmente, já se esboça, com todas as hesitações das cousas que se iniciam, um movimento colectivo que mostra uma irreprimida tendencia para elevar e afirmar a dignidade profissional e moral do jornalista. Desejamos todos nós o completo exito desse movimento e aprendamos a considerar e respeitar, e às vezes a venerar, esses modestos trabalhadores que arriscam frequentemente o socego e até a propria vida para saciar a curiosidade de um publico egoista e os interesses particulares de partidos, grupos e seitas.

Tem de se compreender assim em todas as classes sociais, e é necessario que em cada uma delas deixe de existir a brutal e estúpida noção que tem do jornalismo.

Agora o sr. Antonio Maria da Silva impõe ás associações de jornalistas de Lisboa e Porto a concessão da carteira de identidade de profissional de imprensa, instituida pelo dr. José Dominguez dos Santos para dignificação dos profissionais do jornalismo, a dois dos seus amigos politicos que dela não precisam.

Não admira este gesto de um homem que, servindo todas as causas antipaticas e desumanas, tem um odio ancestral a toda a dignidade e não pode ver sem rancor uma classe que se organize para defesa dos seus direitos. Afinal este cabo de esquadra que domina um país inteiro, ao serviço do odio e da opressão, deve sentir-se incomodado com a presença de todo o homem que trabalha.

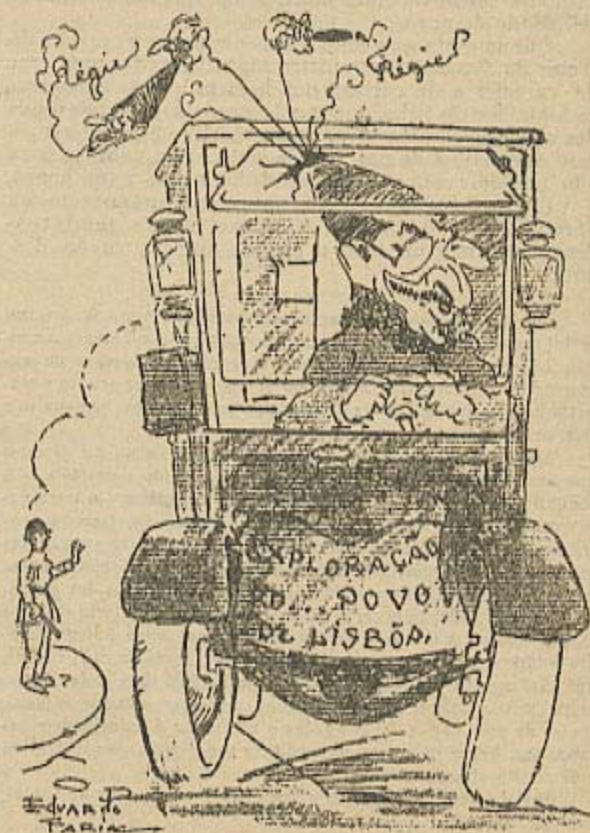
Noutro campo politico, as cousas passam-se de igual maneira. No congresso nacionalista houve a mesma falta de respeito e o mesmo odio por quem ali estava, por força das circunstancias, exercendo a sua profissão de jornalista. Duas vezes foram brutalmente agredidos por galfarros sem sentimentos, a ponto de se verem forçados a empregar toda a sua energia na defesa, não só das suas pessoas, como da propria dignidade. E para que não assumissem uma legitima atitude de protesto e desprezo pelos desordeiros, deve ter sido necessario um rasgado espirito de responsabilidade profissional, facto que devemos salientar comovidamente, ao mesmo tempo que manifestamos o desejo de que tal espirito de sacrificio se não revele mais, porque não ha quem o mereça.

O mais triste é que isto se não dá somente nesse campo de politicos em que só patrões se encontram. Diz-se todos os dias que o sindicalismo é um movimento de classes para a emancipação do patronato; que a *Batalha* se fundou para afirmar e preparar o espirito de classe para os objectivos sindicais; que no sindicato só se defende o interesse da classe que representa mas respeitando em pé de igualdade todos os trabalhadores. Assim será, assim acreditamos por conhecimento de causa. Mas os militantes sindicais—sindicaisistas?—são tão ignorantes e tão maus como os nossos politicos.

O odio aos jornalistas dessa gente avançada—referimo-nos aos chefes e não á choldra desses partidos ou organizações—é tal, que o individuo que exerça a profissão de jornalista não pode filiar-se no partido comunista. E sobre a situação do jornalista no *El-Dourado* da Russia, tão decantado pelos operarios, tambem ditos-sindicalistas, partidarios da I. S. V., falará para a semana o nosso colega Reinaldo Ferreira no Sindicato dos Profissionais de Imprensa.

Raro é o *militante* que sabe redigir uma noticia mas todos se sentem capazes de fazer jornalismo, e esta pretensão tem dado origem a comicos episodios que revelam a tristeza mental dessa gente. Se o reporter, quasi sempre amargurado pela existencia de privações, surge numa assembleia de operarios invocando um jornal desafecto às suas opiniões, é vexado e vaiado como se fosse ele o dono da folha, como se fosse tactica sindicalista embaraçar o trabalho profissional, como se não fosse mais delicado recusar definitivamente a noticia pedida.

E toda esta gente, politicos e não politicos, sindicalistas e não sindicalistas, condenam hiperbolicamente a balxesa e a venalidade do jornalismo, mas toda ela, com excepções que só honram os que na imprensa trabalham, se quer pavonear com as penas de tal balxesa e de tal venalidade, penas que certamente não pesam nos corpos e nas almas vestais...



POR BEM...

DA VIDA MENTAL

Um animalista e uma pastelista
no Salão Bobone

Na funebre cripta do Salão Bobone, que dizem as gazetas foi agora trespassada por quantiosa soma, sucederam-se dois expositores de talento. Falemos, portanto, deles, que bem o merecem.

Simão da Veiga, o pintor másculo, animalista, que poderia fazer escola num meio em que o género é quasi desconhecido, expôs primeiro. Uma duzia de quadros, alguns magistraes, verdadeiras telas de museu, representam o melhor do trabalho de um ano d'este amator, que no conhecimento perfeito das regras da sua arte, na probidade artistica e na lucida visão pictorica, desbanca muitos profissionais.

Os touros, os cavalos, os campinos, a desolada paisagem da lezíria, que Simão da Veiga pinta são incedíveis de rigorosa observação, de ajustado colorido, de desenho preciso, a um tempo realistas e impressionistas, pela verdade anatomica e pelo subjetivismo psicologico.

Em face dos quadros «Possante», «Primeiro rêgo» e do «Cavalo do campino», temos de tirar o nosso chapéu, pois estamos na presença de um grande pintor animalista.

Este pintor viril, de pincelada energica e visão máscula, sabe tratar os temas delicados com uma elegancia, uma leveza, que accusam o *gentleman* e o *homme-aux-femmes*, que Simão da Veiga é, tanto como é excelente pintor e admiravel cavaleiro.

O quadro «Rendez-vous-manqué» superior de intuição e realização, diz-nos que este pintor bem português, que poderia ser em Portugal um chefe de escola de pintura nacionalista, trata os motivos eternos, como qualquer mestre que passeasse o seu saber e a sua gloria pelas grandes metropoles da arte.

Espiritos mordazes, ao verem a forma admiravel como Simão da Veiga trata os motivos femininos, explicaram que isso era ainda uma revelação do talento do animalista... Filiavam talvez o conceito na definição schopenhaueriana da mulher, definição absolutamente errada hoje, pois ellas já não tem os cabelos compridos, tem tudo curto: os cabelos, as saias e as ideias...

Evidentemente que ha excepções—excepções quanto ás ideias, bem entendido, que o resto é moda. Uma das excepções é a gentilissima artista brasileira mademoiselle Dulce de Sousa, que expôs a seguir os seus «pastéis» no mesmo Salão Bobone.

São algumas dezenas de quadros em que sobressaem pelo primor da realização alguns estudos de figura muito apreciaveis, e pela quantidade varias paisagens, arco-irisadas e banais.

E' Inegavel que a juvenil artista conhece a fundo a tecnica do «pastel» e trata esse genero com particular carinho. Os motivos que escolheu para as composições de figura são de uma rara felicidade. Os seus modelos de nu são formosissimos e é simpatica a desenvoltura com que trata temas delicados, como é, por exemplo, o do quadro «Abandono».

Nos retratos, a que o «pastel» tanto se presta, pela doçura dos tons, mademoiselle Dulce de Sousa exhibe trabalhos valiosos. Ha especialmente um retrato de criança que é uma maravilha.

Excelente desenhadora, a qual convem a quem pretere o «pastel» para realizar as suas sensações de beleza a artista completa a sua exposição com dois soberbos

desenhos, que apesur de escondidos num canto do salão se salientam pelo rigor do traço e boa distribuição das sombras.

Os sonetos da poetisa sr.^a D. Virginia
Victorino

Desejariamos citar outra excepção ao principio de Schopenhauer, mencionando o nome da sr.^a D. Virginia Victorino, que acaba de publicar um novo livro de versos «Renuncia».

Esta ultima obra da poetisa, que mais parece reedição das primeiras, pois traduz as mesmas queixas e ansiedades de ampr, a mesma absorvente paixão e até as mesmas marteladas rimas—é, porém, merecedora de análise pelo morbido estado de alma que traduz.

Em todo o livro ha dois sonetos que quebram a monotonia dos suspiros da amorosa: a «Rapariga da fruta», bela composição colorida e interpretativa, fresca aguarela que lembra a maneira de Cesário Verde; e «Alcacer-Quibir», horrível como inspiração e factura.

As restantes poesias afinam pelo apaixonado tom das «Cartas da Freira Portuguesa», que o sr. Delfim

FADO GINESTAL



Cunha Leal:

Machado querido
Para que m'amaste
P'ra que me deixaste
Sair do Partido

Guimarães teve o mau gosto de pôr agora em verso, a fim de para todo o sempre envolver de ridículo a memória voluptuosa de Mariana Alcoforado, a suposta autora das «Cartas».

Se o último soneto do livro «Renúncia» é sincero e sentido, a sr.^a D. Virginia Vitorino exige demasiado à sua fantasia, compondo decerto divinamente sonetos e mais sonetos sobre um tema que desconhece e daí talvez a monotonia dos seus versos, aliás perfectos como técnica. Se esse soneto, porém, é o falso e tudo o mais verdadeiro e vivo, não será lícito perguntar que temos nós, que tem o publico com as angustias, as alegrias, os reveses e as conquistas da grande amorosa que é a sr.^a D. Virginia Vitorino?

O mesmo está dito já de mil e uma maneiras e a poetisa não traz elementos novos para o conhecimento da grande comédia de amor. Conta o seu caso patológico com minúcia, com rigor científico, é certo; mas isso interessará somente aos estudiosos de psicopatias, como documento. Aos curiosos das belas letras, aos amantes da poesia, às requintadas sensibilidades artísticas não interessa nada, pois os primeiros livros da sr.^a D. Virginia Vitorino já o diziam.

«Renúncia» se chama o novo livro da poetisa e seria um livro excelente se com ele ela renunciasse a contar-nos pormenores da sua vida íntima...

Os painéis da Brasileira do Chiado

A Brasileira do Chiado é aquele agulheiro infecto, lugubre no inverno, asfíxiante no verão, que fica a par da Havaneza de tradições pascícolas e pouco mais ou menos no mesmo sítio do Marrare do Polimento, celebre botequim onde pousavam os «leões» do Romantismo.

Hoje a Brasileira é valha-couto de literatelhos e cabotinos e caravancará de jornalistas, que lá vão pedir ao veneno negro, estimulante para a labuta exaustiva e ingloria de impingir patranhas a S. Ex.^a o leitor.

Duma casa lóbrega, quis o seu proprietário fazer uma casa bonitinha, chic, se calhar moderna... E vai daí mandou substituir uns painéis históricos, que representavam o homem das cavernas e a plantação do café na idade da pedra lascada, por umas telas modernistas, que ficam mesmo a matar.

O mau gosto burguês do proprietário do botequim está abaixo de qualquer discussão. Já o mesmo não se pode dizer dos artistas convidados para executar as decorações. Alguns desses senhores possuem só a fama criada nas igrejinhas do elogio mútuo, outros porém têm algum talento. A esses não ha que perdoar os marrachos feitos. Que estiveram a divertir-se com o publico, com o filisteu, com o burguês, não ha duvida nenhuma. Quasi todos humoristas, estaria certo o que realizaram se fosse para o Salão do género, mas não para um lugar publico...

Ali entram, podem entrar, pessoas estranhas ao acanhado «meio intelectual de Lisboa» que conhece a balda dos artistas e delira com ela; podem entrar estrangeiros, com alguma cultura artistica, e até bons senhores da provincia que ainda supõem ser Lisboa quem dá leis em matéria de arte ao pequeno mundo português. Que pensarão essas pessoas, não já da competência dos pintores que executaram os painéis, mas do nível mental do publico que os suporta? Serão aqueles homens o indice do estado actual da pintura entre nós?

Os trabalhos que se vêem na Brasileira do Chiado são simplesmente uma vergonha. Tanto os motivos escolhidos, — nada a caracter para o local, como a realização rudimentar, que claramente indica que muitos dos quadros constituem a primeira tentativa de trabalho a oleo dos seus autores, — tudo é de molde a impressionar pelo disparate, pelo monstruoso.

O que sobretudo fere e magoa é a falta de sentido decorativo dos painéis. A moderna tendencia da arte pictural, toda de estilizações, é decisivamente decorativa. Pois esses senhores, que blasonam de modernistas

A Esquerda Democratica

realisa nos dias 27 e 28 do corrente
o seu primeiro congresso
distrital de Lisboa

A Esquerda Democratica realiza nos dias 27 e 28 do corrente o congresso distrital de Lisboa, para o qual já está aberta a inscrição, na sede do Centro Republicano da Esquerda Democratica Dr. José Domingues dos Santos, sito na Rua de Santo Antonio dos Capuchos 43, 1.º, sendo o preço da inscrição 5\$00 por congressista.

Podem inscrever-se como congressistas, os antigos ministros, os antigos e actuais parlamentares, os membros das Juntas de freguesias, os vereadores filiados na Esquerda Democratica, todos os vogais das comissões municipais e paroquiais, os directores dos Centros e dos jornais partidarios.

O congresso deve revestir-se de imponencia e grandiosidade pouco vulgares, não só pelo numero dos congressistas, mas pela sua qualidade e ainda pela importancia das teses que vão ser apresentadas e discutidas, e que foram confiadas aos illustres republicanos: Dr. José Domingues dos Santos, «O Problema politico». Dr. Pestana Junior, «O Problema Financeiro», Engenheiro Plinio Silveira, «Portos e Vias de Comunicação», Dr. Carlos de Vasconcelos, «O Problema Colonial», Dr. Pedro de Castro, «Tutorias da Infancia», Dr. Fernando de Brederod, «O Direito à habitação», Engenheiro José Jesus Pires, «O Problema Industrial», Dr. Alfredo Nordeste, «Reforma administrativa», Dr. Medeiros Franco, «Reorganização Judicial», Capitão Pina de Morais, «O Problema agrario», Dr. Amadeu de Vasconcelos, «O Problema social», Major Cortez dos Santos, «Defesa Nacional», Comandante Jaime de Sousa, «Negocios Estrangeiros», Dr. Crispiano da Fonseca, «Reformas policial, penal e prisional».

A Comissão Central da Esquerda Democratica solicita a todos os correligionarios a quem confiou o encargo de elaborarem teses, o favor de remeterem até 25 do corrente, para a secretaria do congresso, uma copia de cada um dos seus trabalhos.

A correspondencia referente ao congresso deve ser dirigida á sua comissão organizadora que funciona no Centro Dr. José Domingues dos Santos.

não têm sensibilidade para o compreender, nem faculdades para o realizar.

Só o retábulo do fundo da sala, que cerca o relógio apesar da colaboração incrível dos bonecos, tem uma intenção decorativa. Tudo o mais não foi feito para a Brasileira do Chiado, quer dizer não foram estudadas as condições de luz do ambiente, a situação das telas, a perspectiva que era preciso dar-se-lhes, para que a distancia e a falta de inclinação não desvalorizassem os quadros se elles tivessem algum valor. Foi tudo feito em casa, de cór, sob os olhos elevados da familia, e só com o unico fito de espantar o indigena, num fantasmagórico Salão de Outono, que caiu pelo ridiculo.

Os quadros serão simplesmente infelizes, executados numa hora de fraca inspiração, por artistas que, contudo sabem do seu officio?

— Não. Os quadros são maus, porque os pintores são péssimos. Não sabem pintar, ignoram as regras da arte em que quizeram brilhar... Alguns com real talento, desenham bem, são mesmo apreciaveis caricaturistas, mas mais nada. Pretenderam meter-se em cavalarias altas e deram aquilo.

Os outros não contam. São uns pobres diabos de pinta-monos, que só por fazerem a córte aos primeiros foram contemplados naquela grande lotaria da imbecillidade.

REVISTA... da Semana

Por BATISTA DINIZ

CARTAZ

TEATRO DA POLITICA
HOJE E SEMPRE

até que o povo se disponha a interromper o espectáculo...

Representação da revista "honzica".

O PAIZ É MEU!...

5.º quadro

Fazendo Avenida

A acção decorre na paragem dos carros electricos na praça dos Restauradores. Ao subir o pano estão em scena varios individuos de *todos* os sexos, predominando os *papos-secos* e as *saías-curtas*.

ZACARIAS

(Apitando) Piú! Piú! Bemfical

REPORTER Z

(A Zacarias) O sr. expedidor faz-me a fineza de me dizer se ainda demora o carro para o Lumiar?

ZACARIAS

(Com a peculiar delicadeza) Não tarda uma hora!

REPORTER Z

E'na pail

ZACARIAS

Está com pressa?

REPORTER Z

Não senhor, mas queria distrair-me um pouco...

ZACARIAS

Pois se quere passar o tempo demore-se um bocadinho! Não se arrepende! Isto aqui é um verdadeiro posto de observação...

REPORTER Z

Aceito e agradeço-lhe o conselho!

ZACARIAS

Então, para começar, repare nessa que aí vem!

MENDIGA

(Entrando, andrajosa) O' meu rico bemfeitor! Dê-me uma esmolinha para comprar um pãozinho da Manutenção Militar!

REPORTER Z

Diga-me cá, tiazinha! Porque é que vocemecê só quere o pão da tropa? E' por ser mais barato?

MENDIGA

Não, meu rico senhor! É que o meu *home* esteve ha dias no parlamento e ouviu o sr. ministro da guerra dizer que o pão dos militares era tão bom que eles até o vendiam aos *palsanas*...

ZACARIAS

(Piscando o olho ao Reporter) Eu dava-lhe qualquer coisa, mas só tenho uma nota de 500 escudos...

MENDIGA

Eu troco, meu querido bemfeitor... Mesmo que fosse de conto!...

REPORTER Z

Vá já daqui para fora! Olhe que eu mando-a prender!

MENDIGA

(Saíndo receosa) Seja pelas suas alminhas...

1.º PASSAGEIRO

(Em altos berros) O' sr. expedidor, então quando sai o carro?

ZACARIAS

(Imperturbavel) Muda essa bandeira para o Jardim Zoologico!

1.º PASSAGEIRO

Para o Jardim Zoologico? Isso é com intenção de nos chamar macacos?

ZACARIAS

(Cada vez mais imperturbavel) Esse carro dá a volta ao Rocio!

PASSAGEIROS

(Apeando-se) Fóra! Fóra!

A CHOLDRA

CORO DE PASSAGEIROS

Olça lá *seu* Zacarias
Isto assim não nos convem,
Só ha carros p'ra Bemfica
E a gente não fica bem.

Queremos ir ao Lumiar
Para ver o *desafio*
E você mandou o carro
P'ra gran... praça do Rocio.

ZACARIAS

(*Amabilissimo*)

Peço perdão, mas sou obrigado
A cumprir ordens de Santo Amaro...
Peço perdão, peço perdão,
Mas o *serviço* não é caro...

(*Depois da musica*)

Esse carro p'ró Lumiar! (*Os passageiros entram
no carro de tropel*) Pode segui'r!

REPORTER Z

(*A Zacarias*) Você é o diabo!

MULHER

(*Entrando no carro e altercando com o marido*)
Já te disse que quero ir por cima!

MARIDO (*seguido-a*)

Vamos antes por baixo!

MULHER

Irra, que és teimoso!

ZACARIAS

Pode sober-se de que se trata?

MARIDO

Pois não! Eu e minha mulher temos que ir para
nossa casa, que é na Estrela...

MULHER

Ele teima que é mais perto pelo Rato.

MARIDO

E ela insiste que por Santos o caminho é mais
curto...

REPORTER Z

Eu sempre ouvi dizer que para baixo todos os san-
tos ajudam...

MULHER

De maneira que resolvemos ir cada por seu
lado...

MARIDO

Mas ela teima em ir por cima... pelo Rato!

MULHER

E ele não quer ir por baixo... por Santos!

ZACARIAS

(*Conciliador*) Querem um conselho?

MARIDO E MULHER

Diga, diga!

ZACARIAS

Quando quiserem ir para casa vão os dois no mesmo
carro ..

REPORTER Z

E para virem ?

ZACARIAS

Isso, à volta vai cada um por seu lado e, se não
chegarem ao mesmo tempo, espera um pelo outro...

MARIDO

Muito obrigado! (*Sacm marido e mulher*).

REPORTER Z

Você saiu-me um conselheiro!

PINHEIRO MALUCO (*entrando*)

O' porcalhões de um povo!
REPORTER Z

(*Ao Pinheiro maluco*) O' velhinho, olha que vais
preso se aparece algum do *tacho*.. (*Pinheiro sai*),

SALOIO

(*De gabão de Aveiro e grande bigode, com dois
burros pela arreata*) O sr. *fazia-me* o favor de me de
zêr se ha aqui perto um *ajveitar*?

ZACARIAS

Talvez ahí na estalagem do largo do Regedor...

REPORTER Z

Para que quer você o veterinario?

SALOIO

E' para *exeminar* estas *bêstas* que estão doentes!

ZACARIAS

(*Reparando que os burros tem aberturas no pelo as
Iniciais P. S. E.*) Que quer isto dizer?

SALOIO

Isto é a marca da casa! Muito *agardecido*! Anda
burro, anda de vagar que *tds* sempre a *suates*!
(*Ao outro gerico*) Anda *malhado*...

MUTAÇÃO

O NOSSO INQUERITO

Sobem a algumas centenas as respostas
já recebidas

«*A Choldra*», que procura estar em estreito contacto com o Povo, pergunta hoje aos que a lêem:

Perante a soma tremenda de vergonhas cometidas pelo governo contra a Republica; perante o perigo de uma ditadura militar; perante o triunfo da reacção; perante a possibilidade da anistia a Paiva Couceiro, qual o caminho que se deve seguir?

«*A Choldra*» publicará as respostas que lhe forem enviadas bastando um simples postal endereçado à nossa redacção.

Que ninguém deixe de responder. Que nenhum dos 3:000 republicanos que nos compram deixe de emitir seu voto.

No nosso ultimo numero iniciámos um inquerito oportuno e necessário. Muitas repostas temos já recebido e a todas daremos publicidade de harmonia com as exigencias tiranicas da falta de espaço.

«Faz o n.º 6 do seu panfleto *A Choldra* algumas perguntas e pede resposta: Virem os homens que conhecem bem essas tremendas vergonhas, explicá-las ao povo em comícios publicos e por todo o País; dentro do Parlamento cumprirem o mandato, atacando com coragem os culpados dessas tremendas poucas vergonhas. Dictadura militar existe ha 15 anos, só se tem folgado para soffermos a dictadura do sr. Antonio Maria da Silva, que é muito peor; sobre reacção, a peor de todas elas é a da Rua dos capelistas; sobre amnistia a Paiva Couceiro, deve-se conceder, ou então obrigar a exiliar todos os monarchicos que aderiram á Republica para se governarem, demonstrando assim, serem muito peiores e mais traidores que Paiva Couceiro.

Qual o caminho a seguir? continuar a beber café no «Italia» e a dizermos mal uns dos outros.

Eis a minha resposta sr. Director, que não lhe deve agradar, mas é sincera.» (a) *F. Lette*.

P. S. — A gramatica pertence á revisião.»

«Qual o caminho que se deve seguir? Em face do que se está passando e do que se pretende fazer, todos os bons republicanos tem por obrigação unir-se como um só homem, e de armas na mão correr com os vendilhões da Patria e da Republica.

Enquanto é tempo é que é agir. Viva a Republica! (a) *Abel Calado*.»

Sr. Redactor. Respondendo: As nações estão para os naturais assim como os homens para as suas células unidas vivas do organismo. Desta média proporcional se infere a natureza orgânica da nação e como tal, sujeita em casos de desvio patológico ás determinações da sciencia em que foi grande — o maior — o prestimoso Pasteur.

É do conhecimento geral que as doenças de caracter microbiano se combatem com tóxicos que têm por efeito aniquillar o maléfico agente; por isso, não restando a alguém dúbidas (excepção feita aos enevoados bonzos — eclipse que aliás se liquefará aos primelros calores duma observação ainda que superficial) ser o

«*Porto*. Perante a consulta de V. Ex.^a e o momento grave que passa, para já uma só resposta se me oferece.

Constituição de um *Comité com delegações em Coimbra e Porto*, independentemente das ramificações que os mesmos entenderem. (a) *A. Branco*.»

Caria. Respondendo á sua pergunta.

O que ha a fazer?

ex-homem da péra o micróbio originário de tantos males de que a Patria enferma, eu opinaria, na impossibilidade agora de rapar o adorno do mento onde supúnhamos existir todo o seu espirito maquiavelico, por que se lhe cortasse outra coisa qualquer...

Notarei ainda que o médico ás vezes chega tarde; será bom andar depressa, — eu cá estou. (a) *Alfa*.

Unirem-se todos os verdadeiros republicanos e fazerem duma vez para sempre, a limpeza que neste caso urge fazer. (a) *José Maria dos Santos*.»

«*Sr. Director*. O caminho a seguir é derrubar, sem demora o actual governo, custe o que custar. Digo o «actual governo» para não dizer o «actual desgoverno». (a) *J. C. R.*

Caria. Venho responder á pergunta da *Choldra* o que ha a fazer?

Precisamente o que os nossos antepassados fizeram no dia 1 de Dezembro de 1640.

Diz o grande Marquez de Pombal, para grandes males grandes remedios. (a) *Moses de Sousa Gatte*.

Sr. Director. No vosso inquerito sobre qual o caminho que os Republicanos tem a seguir em face das vergonhas e roubos que o Sr. Maria e mais acolitos estão praticando, a minha opinião é seguinte:

Um 19 d'Outubro correto e aumentado. (a) *Gaspar Garrido*.

No Mundo Desportivo

O encontro Madrid-Lisboa em foot-ball
Os jogos de domingo passado

Devido à iniciativa da Comissão dos Padrões da Grande Guerra, efectua-se em breve na capital de Espanha um encontro de foot-ball entre os grupos representativos das guarnições militares de Madrid e de Lisboa.

Nos tres encontros já efectuados, a *equipe* lisboense conseguiu triunfar por duas vezes, ficando por esse facto de posse de um magnifico trofeu denominado *Gran Capitan General de Madrid*.

A prova, como inicialmente foi concebida, tinha realmente um grande valor, pois que nos dava uma certa indicação sobre o valor desportivo dos militares dos dois paises.

Mas a ideia foi deturpada e o que hoje se denomina um encontro militar entre Madrid e Lisboa deve chamar-se um desafio inter-cidades... pois que a grande maioria dos jogadores que constituem os dois grupos militares, não o são.

A *vigarice* foi iniciada em Espanha e nós, como eternos macaqueadores, imitamo-la.

Quem são os jogadores seleccionados para o grupo militar?

São os melhores jogadores da capital, não importando se eles são militares, ou não.

O criterio a adoptar, era escolher a dos militares, que estão prestando serviço, e fazer então uma verdadeira selecção.

Bem sabemos que os madrilenos organizam o seu grupo pelo mesmo processo.

Mas as acções ficam com quem as pratica.

Seleccionando dessa forma arbitraria o grupo militar perde-se toda a autoridade.

E o que nos admira é que o elemento militarista vá buscar criaturas da classe civil para o representar numa pugna desportiva.

Existem, ou não, actualmente nas fileiras do nosso exercito jogadores capazes de nos representarem dignamente?

Existem.

Porque razão é que se vão *mobilizar* individuos já afastados ha anos das lides caserneiras e convocar outros que nunca foram ás sortes?

Em Madrid, onde existem os militares por *costa*, pode-se seleccionar um grupo com o rótulo de militar, não o sendo de facto.

Em Portugal, não.

Ou é um grupo militar ou não é. E a selecção que vai jogar a Madrid é constituída, na sua grande maioria, por jogadores que foram licenciados ha uma duzia de anos, ou talvez mais...

Já é tempo de se terminar com a fantochada.

Selecione-se um grupo de militares *de verdade* e não se vá buscar criaturas que só sabem que são militares nas vespersas dos encontros militares Madrid-Lisboa.

Sobre o assunto, a *mobilização* dos jogadores, a seu tempo falaremos...

De novo, no passado domingo, se interromperam os jogos do campeonato.

Nas Amoreiras realizou-se um *treino* entre os provaveis e os Belenenses.

O desafio não teve nada digno de registo.

Como *aproveitamento técnico* dos provaveis nada resultou.

Porque nem mesmo jogando a feições nós gostamos de perder, e por esse facto os Belenenses não se prestaram ao papel de *entrelinears*.

Venceu a selecção pelo resultado de 3 a 2, score nada significativo.

No campo de Palhavã desenvolveu-se outra fita...

Para melhorar as finanças, um tanto avariadas do Bemfica e do Carcavelinhos, as direcções dos dois agrupamentos combinaram a forma de arranjar dinheiro... realizando um jogo entre os grupos representativos.

O *gesto* da direcção do Bemfica não agradou á maioria dos seus associados, que ainda não esqueceram a celebre frase *vil gentalha* como no seu protesto enviado para a A. P. L., os dirigentes do club alcantarense denominaram os socios do Bemfica, a proposito do jogo das Amoreiras.

Por esse facto, o desafio teve varias peripecias e uma delas foi faltar varios titulares dos dois *teams*...

Com os grupos *salpicados* de jogadores de categorias inferiores, efectuou-se o desafio e o resultado foi mais um empate.

Devia ser uma vitoria do Bemfica por 2 a 1, pois que jogou mais e tinha uma vantagem, até ao momento que o arbitro... que não percebia nada das leis de jogo e tinha o ouvido bastante apurado, entendeu castigar o Bemfica com um penalty... de que resultou o empate.

Como se tinha unicamente o intuito de arranjar dinheiro, o resultado do desafio foi logico: da receita partes iguais... dos scores... goals iguais .. e foi da forma que ninguem ficou triste, a não ser os espectadores, que foram os unicos que perderam...

»ANIBAL TORRES».

OS HOMENS DA ORDEM e os profissionais da imprensa

No congresso dos homens da ordem realizado no liceu de Camões houve desordem bravia, como se sabe. Momentos houve que no ar só se viam punhos cerrados, bengalas e armas de S. Francisco. Nem os jornalistas foram poupados. Apanharam e não foram poucas.

Protestos, desculpas, afirmações de maior consideração pela imprensa, e... nova tarefa.

Novos protestos, repetição das desculpas e provas de maior consideração e outra dose de pancadaria.

Um colega houve que ficou com o fato unico que possui—as «forças-vivas» a quem servem não lhes pagam para terem o luxo de ter mais de uma farpela—completamente inutilizado, com um tinteiro que, com toda a consideração, lhe arremessaram Contra a violencia dos homens da ordem já o Sindicato dos Profissionais da Imprensa protestou. A esse protesto vai seguir-se uma reclamação de todo o ponto justa ao directorio do P. R. N. e ao chefe supremo da U. L. R. Aos futuros congressos desses partidos os jornalistas só assistirão se as mesas a eles destinadas forem defendidas com arame farpado.

países balkanicos com que poderíamos contar, talvez que estivessemos hoje não perante uma mentira vergohosa mas perante uma realidade que nos honraria!

Assim, não!

Colocado no alto da presidencia da Sociedade das Nações, Portugal assistirá, amordaçado pela propria situação em que o puseram, ao degladiar de interesses que aos seus prejudicarão!

Digamos a verdade toda: Ou tratamos de criar uma posição em que nos possamos impôr, ou abandonemos essa Sociedade de que tantas nações já se afastaram scientes de que nela impera—a Força contra a Liberdade!

Estamos já daqui a ouvir os cegos idolatras de Afonso Costa a berrar que estamos *feitos* com os monarchicos no ataque áquele grande vulto da Republica! O que os monarchicos disseram no Parlamento foi uma sandice inspirada por torpe facciosismo politico e estúpida manifestação de odio pessoal. O que nos leva a escrever o que escrevemos, é, não o espirito de ataque a Afonso Costa, mas a manifestação de um verdadeiro e orgulhoso espirito patriotico e republicano, enjoado perante o inconsciente acocorar de uma nação após um desaire, e a chuva reles de elogios e saudações perante um erro.

Não agradecemos insultos nem elogiamos quem errou.

Mais do que o prestigio diplomatico dos srs. Afonso Costa e Vasco Borges, preocupa-nos a dignidade nacional e o esquecimento ingrato das ondas de sangue vertido sobre os areais torridos de Africa e as geladas terras da Flândres!

Não é bastante?

Mas o assoprar dos idolos com catadupas de elogios falsos não fica só no sr. Afonso Costa!

As mentiras à Nação, no respeitante á nossa situação e prestigio externos, não se limimitam á Sociedade das Nações.

Ha pouco tempo, o actual ministro da Marinha foi convidado pelo governo inglês a visitar uma esquadra que, frente a Lagos, ia executar varias manobras.

“Grande honra para a honra, uma enorme serie de fotografias, o illustre marinheiro, uma rara distincção, nunca tal se fêz, que orgulho e patriotimo em barda!”

Pois, senhores, tudo isto era falso, tudo isto era mentiroso! Assoprou-se o sr. ministro, não sabemos se ele proprio pensou em juntar mais algumas estrelas á estrelada farda, e tratou-se apenas, tratava-se só de um simples *negocio*, de uma visita de negocio, na qual o vendedor mostrava a *fazenda* áquele que *comprador* queria tornar!

Sim! Tratava-se apenas de mostrar ao governo portuguez uns tantos navios que a Inglaterra procura vender!

Eis em que redundo o grande prestigio externo do ministro!

Mas para quê se mentiu!?

Pois não era mais serio dizer a verdade? Dela não pode redundar, com efeito, algum proveito para o pais?

Não nos é util a compra dos navios!?

Só mentindo eles vivem, medram e incham ...